



SOBRE A MÚSICA NO BRASIL

M. de Araujo PORTOALEGRE

O caráter dos diferentes povos, manifestando-se em suas produções artísticas, realça salientemente na Música. Se tomarmos, cronologicamente, todos os cânticos de um povo desde sua infância até sua decadência, veremos três sentimentos marcados, entre os quais a furto se mesclam outros secundários pela influência, ou invasão de gênios estrangeiros, que, aparecendo na esfera musical, como luminosos astros, estendem seus raios benéficos sobre vastas regiões, e com eles aumentam a intensidade do gênio nacional, fornecendo-lhes uma nova estrada de inspirações.

O primeiro sentimento, que se declara em uma geração infante, é a melodia; civilizada ela, aparece a harmonia; no cúmulo do progresso vem mesclar-se a melodia, e então brilha a riqueza, ora numa, ora noutra cousa; e logo que marcha para a corrupção, e com passos decadentes caminha para o sepulcro da extinção, cai no vago do guindado; as paixões são exprimidas por prelúdios, o grandioso de um efeito geral é desprezado, aprecia-se mais uma fluente prolação de voz, um sutil garganteado, que uma pintura fiel da natureza: o capricho da novidade se desata com insaciável desejo; sai a campo a extravagância, que abre as portas ao delírio, e operando movimentos forçados, cai enervada, té que uma nova reação social venha despertar o gênio, té que uma regeneração completa, cheia de novas idéias, nutra o sentimento musical, e apareça então vigoroso, saliente e simples como a natureza.

Para sancionarmos esta asserção não é necessário folhearmos da história da Música e nem ela nos mostra esta observação filosófica, mas

sim olharmos o estado das nações presentes e compararmos suas produções musicais com sua civilização.

Há certos dados na natureza do homem que, por mais que se voltem, sempre apresentam os mesmos resultados. Siga-se um curso musical desde a choupana até o paço, desde a praça da aldeia até o teatro da Capital, e degradativamente se observará o progresso e modificações indicadas. No estado selvagem e de barbaria, a Música não é mais do que uma assuada contínua; o canto se apresenta em forma de uivos e a orquestra como um tumulto de armas; mas logo que um pequeno grão de civilização se introduza, ela muda de caráter e isto se observa nos selvagens do Brasil.

No aldeão, quase no berço da civilização, o seu canto é sempre o mesmo, seja ele de qualquer nação que for; nos os ouvimos cantar na França, Suíça, Itália e na nossa Pátria, e pouca diferença se manifestava entre suas melodias: ordinariamente não passa das duas oitavas medianas, a natural e a aguda: a escala favorita é em tom menor e quase sempre finda a canção por uma prolação de voz, que se harmoniza em requinta por um dos membros o orquestra que abandona o unísono. A sua dança, filha da Música, não passa da roda com certos gestos corporais, como a Tarantella na Itália e o círculo dos nossos selvagens. A contradança do aldeão francês e a valsa do alemão separam-se desta linha, pois que eles dançam com orquestra e já não existe o caráter da primitiva música.

Nas vilas a harmonia tem o seu império, é necessário que o compasso seja bem marcado para que excite a dançar e mover bem o corpo e aí complicam-se as figuras, enquanto que nas capitais, no centro da chamada bela-sociedade, a dança é um passo amaneirado e consiste mais em conversar com o par que na multiplicação das figuras. O homem degenerado, o Peralta, vai ao teatro e passa a noite inteira a compor os bicos do colarinho, fazendo momices para todo o mundo e lá de vez em quando solta um “bravo” quando um gorgueio ou sutil floreio escapa à “prima dona”, e que a platéia responde por uma trovoada de palmas enquanto efeitos divinos de harmonia passaram pelo alto da indiferença.

O retrato icônio de uma sociedade corrupta é a moda; o delírio e a extravagância passeiam pelas salas dos bailes personificados na casaca ou toucado; e o pior é que os homens sensatos estão sujeitos a esta lei, para não desatarem o riso do estúpido casquilho ou da senhora de “bom tom” que, separados da sociedade humana, da sociedade intelectual, só prestam obediência à autoridade do cabeleireiro, alfaiate ou modista.

Os climas e o solo que tanto concorrem para o caráter nacional, são os fornecedores das inspirações, e logo que há similitude entre o caráter das nações e grau de civilização, o resultado musical é o mesmo. A linguagem do homem não é mais do que uma combinação de sons mais ou menos modificados e que representam as idéias; de sua maior doçura depende a maior ou menor beleza da representação: as idéias são a natureza e a linguagem é o artista; do maior ou menor talento deste depende o primor ou mediocridade da obra.

Cada nação tem seu tipo fisionômico, sua mímica e sua declamação, o que influi muito sobre suas produções artísticas. (...) O caráter da música brasileira é e será melódico porque a língua e a origem de um povo cheio de imaginação o ordenam. Entre todos os povos, além do caráter geral, outro se manifesta, que é o dos habitantes dos diversos lugares na mesma Nação. Entre nós aparecem dois salientes na música: na Bahia e Norte e Minas Gerais e o Sul. A música baiana é o lundum e a mineira a modinha. O **lundum** é voluptuoso em excesso, melódico; e a **modinha** é mais grave. Tudo é doce na Bahia, o terreno produz açúcar e come-se chorando com o ardor da malagueta!

Nas mais províncias do Brasil a Música é cultivada desde a “senzala” até o palácio; de dia e de noite soa a marimba do escravo, a guitarra a viola do “capadócio” e o piano do senhor.

Santa Catarina e Pernambuco apresentam homens cabais em gênio musical: a primeira todos os habitantes aprendem conjuntamente o A B C e o dó, ré, mi, fa, sol; e as composições de João Francisco de Oliveira Coutinho, e outros, atestam esta verdade, mas é lástima que um gênio tão grande feneça entre as rochas do Desterro, pois sem dúvida, e sem afrontar

ninguém, é o músico brasileiro mais hábil para a cadeira de uma escola; ela estudou sua arte e a cultivou com filosofia.

O autor de valsa da saudade mostrou em limitada tela rasgos do mais elevado sentimento, e choramos não saber o nome deste compositor, que tanto honra Pernambuco e que provavelmente sofre a sorte do Catarineta.

Entre nós ama-se em delírio a Música, mas despreza-se de alguma maneira os músicos: os ricos trocam de bom grado o seu dinheiro pelas lições do artista, recebem-nos com prazer em seu interior, mas talvez se envergonhem de ser seus amigos; os nossos músicos estão longe do labéu da imoralidade; ao contrário, são bons pais de família, vivem em harmonia recíproca, têm uma caixa filantrópica, conservam toda a independência que podem; têm um só defeito; e grande para o artista neste século: serem pobres!

O Rio de Janeiro, Capital do Império, cheio da melhor sociedade brasileira, e onde os melhores talentos de Minas Gerais e de outras províncias, veem exercitar sua arte, sai fora dos limites das províncias indicadas.

A Capela Imperial, quando foi Real, se ufanava à face do mundo, como um dos melhores conservatórios de música e, sem a menor dúvida, a melhor orquestra do mundo no santuário: o **Miserere** de Pergolesi que faz o arroubo dos estrangeiros em Roma, ali se executava na Semana Santa com igual perfeição.

O caráter da Música Fluminense participa do mineiro e do italiano. Um teatro de canto, e dos mais belos, que se podem ver; uma Capela Real, cheia dos melhores cantores da Itália, que reproduziam as mais belas composições da Europa tanto no santuário como no teatro, não podia deixar de influir uma grande abalada no gosto musical. Marcis e seu colega Maciote, Pedro Teixeira, Francisco Manuel produziam continuamente composições musicais. Marcos, de um gênio brilhante e alegre, não soube distinguir o santuário do Teatro, e Pedro Teixeira, que seguia a escola rossinista, caiu no mesmo defeito: estes dois grandes

talentos não souberam harmonizar o colorido ao sujeito do quadro, mas contudo, terão duração.

Francisco Manuel fez-se a si mesmo; é original e as mais das vezes tem pensamentos brilhantes, jovem, jaz no meio da apatia artística de nossa Pátria, onde a voz da política, soando mais alto, enche as abóbodas do edifício social, onde de vez em quando, fracos soluços de jovens moribundos entrecortam o murmúrio da celeuma política, mas desaparecem e desvanecem-se como o relâmpago na Serra dos Órgãos.

E que diremos nós do estilo particular e das vozes dos cantores brasileiros? Um João dos Reis, baixo, que pelo tubo de sua garganta arrancava um “fa” gravíssimo em toda a sua pureza e liberdade, subindo aos sons agudos de um tenor? Um Cândido Inácio da Silva e um Gabriel, tenores; também é predicado de Minas Gerais as boas vozes.

Que dor não sentiremos, voltando para nossa querida Pátria, olhando para o coro e não vendo o braço de um Marcos ou de um José Maurício comandando de um aceno cento e cinquenta artistas, que rompiam em mágico acordo um “Glória”, um “Credo”? Como se poderá hoje executar a “Missa de Santa Cecília”, essa produção imortal do “fluminense” Mozart? A arte da Música marcha na decadência em que a colocou nossa Administração Governamental, destruindo a Capela Imperial, a única flor que nos punha a par das nações civilizadas e que nos distinguiu sobre toda a América. Giramos no círculo das reformas e economias, mas o sumidouro das necessidades de dia em dia abre fauces e pede ouro; abate-se um muro e não se cultiva o terreno, que ele enchia, antes se deixam os fragmentos esparsos! Ah! Senhor Deus... Voltemos à música.

Apesar da concorrência das produções itálicas e germânicas, a Música Fluminense tem um caráter peculiar, que é o da escola de José Maurício. Este gênio extraordinário está separado da linha dos outros músicos; sua musa amou a harpa do santuário, e não se exerceu conjuntamente no teatro; suas produções sacras são numerosas, assim como seus discípulos; ele foi o astro radiante, que na colônia, no Reino e no Império espalhou seus raios preciosos sobre os brasileiros, sempre potente, sempre grandioso, e sempre padre!

José Maurício, querendo compor sua “Missa de Réquiem”, cheia do sentimento cristão, a inspiração do gênio penetrou a campa da morte, meditou e chorou sobre as cinzas da humanidade e cheio de terror, saindo, ajoelhou-se diante daquele que, sentado sobre o cimo da cúpola estrelada do firmamento, olha para a eternidade, e suplicou-lhe inspiração: o negro fel da tristeza e a linfa das fontes lacrimais formaram-lhe a tinta com que escrevia tais notas que tanto tocam e embebedam na alma aquela doçura de uma melancólica saudade, que tanto afaga e acaricia o coração do homem sensível.

Gênio divino, se a morte te estancou no meio da tua carreira brilhante, tolhendo-te os membros e extinguindo-te a luz da divina da inspiração, ao menos imortal serás: pois correndo o mundo e girando na sociedade, tuas obras te aviventam de dia em dia, até que a Europa te ouça e o mundo te aplauda.

(Niterói: revista **brasiliense**, tomo I: 173-183. Reedição da Academia Paulista de Letras, 1978).